

## d) Apresentação do primeiro número de *Argumento* (1998)

“Esta é possivelmente a primeira publicação dos estudantes de filosofia na história da nossa graduação. Os artigos aqui apresentados são trabalho de estudantes; na sua quase totalidade, trabalhos de concluintes da primeira turma do bacharelado de filosofia, para a disciplina Seminários II, da qual fui o professor. Trabalho pioneiro e corajoso desses estudantes.

Com efeito, não temos propriamente, no curso, uma cultura de produção e publicação, de filosofia, que pudesse ser absorvida pelos alunos: isso ainda tem que ser desenvolvido entre nós. Nessas circunstâncias principalmente, escrever algo publicável – escreve direito, de modo academicamente satisfatório – não é fácil. É um grande desafio. E esses estudantes estão fazendo a sua parte.

Nos seus artigos, eles fizeram uso apropriado de textos dos filósofos, frequentando a filosofia e seus conceitos com olhar analítico. Souberam definir uma tarefa, recortar um escopo temático, ater-se aos seus limites. Estabeleceram e desenvolveram um percurso argumentativo, algo como uma demonstração. Trabalharam uma base textual suficiente para sua fundamentação – mesmo que inicial e exploratória. Fizeram bom uso da bibliografia, escolhendo-a com critério. Sobretudo, souberam desenvolver, passo a passo, um *argumento*. E, assim, chegar a uma conclusão sustentada.

A partir daqui, creio eu, outros alunos e suas atividades estarão mais dirigidos para esse tipo de coisa. E seus trabalhos de curso poderão, quem sabe, adquirir um caráter menos meramente ritual. Serão feitos, espero, com maior motivação. E com outra orientação:

com vistas a uma divulgação, à leitura de seus pares, a uma interlocução, representando um albor pensante mais efetivo, produtivo, relevante. Esperamos, portanto, que os estudantes continuem com essa publicação. Em versões progressivamente mais perfeitas.

O conhecido filósofo alemão Ernst Tugendhat dizia, no último encontro da Anpof, de 1998, com o peso de sua autoridade e da sua longa experiência de ensino (Alemanha, Inglaterra, Chile, Brasil), que todo estudante de filosofia deve, e desde o começo, ser tratado como um jovem pesquisador, um pesquisador iniciante. É a única forma de se fazer filosofia e de se fazer Universidade.

Os autores dos textos dessa publicação (1998) – mesmo no seu pioneirismo e, portanto, às vezes com algumas falhas – mostram que isso dá certo. Se, para o curso secundário, diz-se que o professor não ensina mas ajuda o aluno a aprender, na Universidade o professor põe – a ajuda – o aluno a trabalhar, a produzir alguma coisa na sua área. No caso da filosofia, pelo menos, algo de articulado e fundamentado, algo arrazoado: um *argumento*.